



A alquimia

Kauany Andressa de Oliveira Souza^{1*}, Júlia Caroline Alves Ribeiro¹, Miguel Gustavo Xavier²

¹ Discente da Universidade Federal do Acre, Curso de Licenciatura em Química, Rio Branco, Acre/Brasil,

² Professor da Universidade Federal do Acre, Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Rio Branco, Acre/Brasil. *kauanyandressa123@gmail.com

Recebido em: 19/11/2019

Aceito em: 15/01/2019

Publicado em: 12/02/2019

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre a forma que a alquimia se desenvolveu, a busca do elixir da vida eterna e a transmutações dos metais nos diferentes lugares do mundo, além de apresentar as tais como as influências que sofreu durante o tempo que vigorou. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica em diversos livros para que assim as informações redigidas tenham veracidade. As regiões analisadas foram China, Índia, Mesopotâmia, Egito e Europa no qual foi destacado o que mais marcou tais práticas nesses lugares. Ao término, foi possível perceber que a alquimia se desenvolveu de maneira distinta em cada região, que procurou cultivar a sua cultura de forma a deixar suas identidades nas práticas alquímicas que se desenvolverá.

Palavras-chave: Alquimia. Técnicas mágico-místicas. Transmutação de metais.

The alchemy

ABSTRACT

The present work aims to discuss how alchemy has developed, the search for the elixir of eternal life and the transmutation of metals in different places of the world, as well as to present such as the influences that it underwent during the time it was in force. The methodology used was a bibliographical research in several books so that the written information is truthful. The regions analyzed were China, India, Mesopotamia, Egypt and Europe in which it was highlighted what most marked such practices in those places. At the end, it was possible to perceive that alchemy developed in a different way in each region, that sought to cultivate its culture in order to leave its identities in the alchemical practices that will be developed.

Keywords: Alchemy. Magic-mystical techniques. Transmutation of metals.

INTRODUÇÃO

A alquimia pode ser definida como uma prática ancestral de grande repercussão na Idade Média e durante a renascença na Europa, baseando-se no conhecimento elaborado através da experimentação e com objetivo de obter metais preciosos, como o ouro, a pedra filosofal, o elixir da longa vida para que assim alcançasse a cura das doenças espirituais e a vida eterna.

A palavra Alquimia levando em consideração o vocábulo egípcio onde Khemi significa “negro”, e faz alusão ao Egito pela cor de seu solo as margens do Nilo, a Alquimia (Al Khemi) poderia ser a “ciência ou arte egípcia”. Da mesma forma o vocábulo Khemi poderia sugerir que a alquimia seria a “Arte das Trevas” ou da morte. Machado (1991).

A visão do mundo natural, pré-científica e mística simultaneamente, produzida por grandes espíritos está nas origens da ciência química, da medicina psicossomática, das medicinas naturais ocupando lugar importante na história intelectual. (LASZLO, 1996, p. 19).

A pedra filosofal de acordo com Machado (1991), seria “um material duro e quebradiço, vermelho-vítreo, que se tornava amarelo por trituração”. Talvez fosse um estado de despertar místico que se apoderaria do alquimista e serviria para “transformar chumbo ou outros metais em ouro”. Para o alquimista, a pedra filosofal seria um “dom de Deus”. Já o Elixir da Longa Vida, seria algo que os alquimistas almejavam para extrair o maior dos desejos do ser humano: a vida eterna, logo, procuravam um elixir da longa vida, que permitiria a imortalidade.

A alquimia se desenvolveu ao redor de duas atividades bem antigas e de importância capital para a civilização: a metalurgia e a prática médica. Da metalurgia ficou o trabalho com metais, que acabou resultando na própria busca da Pedra Filosofal no reino mineral. A prática médico-alquímica tem em Paracelso (1493-1541) seu baluarte. (MACHADO, 1991, p. 17).

Baseando-se em Machado (1991), a alquimia, como prática informal, teve origem em data que não se pode afirmar. A época do seu nascimento talvez venha de uma antiguidade muito distante devida, provavelmente, a uma busca da satisfação da mente e da alma. Era um conhecimento que misturava em si um sentimento religioso.

Como ciência organizada, acredita-se que a alquimia possa ter tido origem em Alexandria, cidade fundada às margens do rio Nilo em 331 a.C, lugar que era considerado o maior centro de saber da antiguidade, Strathern (2000). De acordo com Machado (1991), existia uma diferença muito grande entre a alquimia Alexandrina e a que se praticava até então. De acordo com Strathern (2000), essa forma de saber bem mais antiga praticada pelos egípcios era chamada de *khemeia*.

Segundo Strathern (2000), a *palavra Khemeia*, (raiz da palavra química), tem origens que se perdem no tempo e era muito encontrada nos hieróglifos egípcios em conexão com o sepultamento dos mortos. Logo, a *khemeia*, como prática consistia no

embalsamento dos mortos, método muito utilizado no Egito, e nesse procedimento encontrava-se a maioria dos processos químicos até então conhecidos.

De acordo com Strathern (2000), as práticas da *khemeia* logo evoluíram de modo a incluir outros processos químicos que haviam sido descobertos pelos egípcios antigos, como a confecção de vidro, a tintura, especialmente a arte da metalurgia.

A partir de então, a *khemeia* ficou associada aos 7 elementos metálicos conhecidos: ouro, prata, cobre, ferro, estanho, chumbo e mercúrio. Os egípcios também perceberam que assim como existiam sete elementos, também existiam sete planetas, e logo fizeram uma associação. Assim, cada planeta foi associado a um elemento. Isso facilitou aos praticantes da *khemeia*, a proteção dos segredos desta técnica uma vez que eles utilizavam códigos para comunicação.

Como afirma Strathern (2000), foi quando a tradição filosófica grega encontrou a *khemeia*, que a alquimia nasceu verdadeiramente. Nessas alturas, os filósofos haviam sido capazes de distinguir a ciência (conhecimento), da religião (sentimento religioso), e os praticantes da *khemeia* eram conhecedores dos sete elementos, mas isso não impediu que os praticantes da *khemeia* adotassem os 4 elementos (terra, ar, fogo, água) como base de seus estudos. Isso implicou que os mesmos não eram elementos fixos, logo, eram qualidades análogas a quente, frio, molhado, seco, o que permitia a transformação entre si.

Partindo então deste pressuposto, poderia sim haver uma forma de conseguir transformar metais inferiores em ouro que era um dos principais objetivos da alquimia. Como relata Strathern em seu livro O sonho de Mendeleiev, "uma aspiração central da alquimia emergiu". O que se buscava não era a cura, nem técnicas químicas, mas sim a obtenção de ouro puro e ao quebrar cabeça com os elementos os alquimistas iriam descobrir um grande corpo científico.

Em certa altura, Zózimo define a alquimia como o estudo da "composição das águas, do movimento, do crescimento, da incorporação, extraindo espíritos de corpos e prendendo espíritos em corpos". Aqui o misticismo e a prática química genuína parecem coexistir, metaforicamente. (STRATHERN, 2000, p. 35).

A obsessão de transmutar metais em ouro não limitou a prática alquímica, pelo contrário ela "dividiu" os conhecimentos e alguns alquimistas tomaram enfoque na busca da cura das enfermidades reais, fundando "acidentalmente" a farmácia científica. Porém, logo a alquimia avançou do tratamento de enfermidades mortais para a cura das

doenças espirituais e depois retornou ao seu ponto de partida, a busca da transmutação para obter ouro.

Esse trio de afeição, medicina e salvação permaneceria uma parte integrante da alquimia ao longo de todo seu desenvolvimento. De fato, as três desempenharam papel central não apenas na alquimia de Alexandria, mas também nas alquimias que se desenvolveram em outras partes do globo por volta do mesmo período. (STRATHERN, 2000, p. 36).

Logo, a alquimia que se desenvolveu nas outras partes do globo seguiam o mesmo trio de afeição principalmente na busca da transmutação de metais inferiores em ouro, da medicina, e da salvação procurando “a receita” do elixir da longa vida. Mesmo assim, a alquimia que se desenvolveu nos outros lugares como Mesopotâmia, China, Índia, Árabes (Egito) e Europa se distinguiam da de Alexandria. Esse desenvolvimento independente caracterizou uma evolução humana contribuindo para um desenvolvimento intelectual.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada compreende uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Lima e Mioto (2007), a pesquisa bibliográfica aparece normalmente caracterizada em trabalhos científicos como revisão de literatura, porém este tipo de pesquisa necessita de um conjunto ordenado de procedimentos, não usando apenas objetos de estudo aleatórios. Na realização da pesquisa bibliográfica, os objetivos de estudo devem estar bem definidos para que não se apresentem apenas como citações de autores, sem nenhum aprofundamento crítico.

Nesta pesquisa, o objetivo foi mostrar as definições de alquimia utilizada por diversos autores e as características em diferentes localidades, sendo abordado nas regiões da China, Índia, Mesopotâmia, Egito e Europa.

Os procedimentos foram de caráter investigativo, onde buscou-se analisar diferentes bibliografias para que assim fosse possível distinguir a forma de como a alquimia se comportou nos diferentes lugares e os fatores que influenciaram tais características de forma mais clara possível.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A alquimia, embora de início tenha tido os mesmos pilares de fundamentos podendo citar, a afeição por busca da transmutação de ouro, a criação da pedra filosofal

que desenvolveria a medicina resultando na produção do elixir da longa vida, que traria a salvação, se distinguiu segundo a mentalidade e a sabedoria dos sábios que a "criaram".

Essa distinção se deu devido o conhecimento que havia no momento em que estava e também pela forma no qual a alquimia chegou ao lugar. Strathern (2000), fala que a alquimia ocidental, por exemplo, permaneceu sempre obcecada em fazer ouro. Já a chinesa se concentrou mais na medicina da salvação. Portanto, de acordo com Goldfarb (2001), pode-se dizer que a alquimia se baseou em técnicas arcaicas mágico-ritualísticas dos curandeiros, mineiros e ferreiros e que só se constituiu como tal a partir de uma sabedoria que busca compreender a relação do homem com a matéria.

Uma sabedoria propõe-se sempre como verdade. Assim, havia desde os tempos imemoriais na China, as técnicas dos minérios, das fundições de bronze, na medicina arcaica os elixir, cuja finalidade era a obtenção da longevidade e todas eram místicas, ritualísticas e mágicas. Na China, num tempo nomeado de sabedoria arcaica, eram utilizadas as técnicas dos minérios e das fundições de bronze. Já na medicina eram os "elixires" que prometiam a longevidade.

No entanto, a partir do século V a.C apareceu a sabedoria chinesa e a partir de então o alquimista não seria mais tratado apenas como um ser místico, mas sim como um sábio que entende os princípios que reagem com a realidade sabendo manipular os metais para purifica-los em forma de ouro, etc. Logo, Goldfarb (2001) comenta que, a alquímica chinesa, embora originaria de técnicas arcaicas, seria posterior ao estabelecimento da sabedoria chinesa.

Contudo, sábios, alquimistas e artesãos buscavam coisas diferentes e formavam grupos distintos. Os sábios procuravam "melhorar as coisas" por meio da sabedoria, já os alquimistas buscavam a transmutação dos metais e os artesãos pretendiam a simples fabricação do ouro por motivos desonestos.

Em relação a alquimia da Índia pode-se dizer que o que ocorreu foi bem semelhante ao que houve na China, Goldfarb (2001), fala que:

A agricultura, a metalurgia e a forjaria, a medicina e a arquitetura hindus tinham caráter mítico, todas elas ligadas à magia, à mântica, a paleomatemática e à astrologia. Eram atividades que surgiram em passado remoto, trazido pelos deuses aos homens, e, portanto, deveriam ser consideradas sagradas e secretas, somente transmitidas de geração a geração pelos mestres aos aprendizes. (GOLDFARB, 2001, p. 22).

Logo, a alquimia na Índia surge na forma de interpretação dessas técnicas. Haviam vários textos budistas que relatavam acerca da transmutação dos metais e minerais em ouro, e de uma solução que seria o elixir, capaz de transformar bronze em ouro puro. Porém, é possível que essa técnica de transmutação de metais já existisse desde os séculos IV e III a.C, concluindo-se que assim como a alquimia chinesa, as técnicas mágicas preexistentes indianas também se transformaram até virar sabedorias.

Na Mesopotâmia, desde tempos remotos as técnicas mágico-místicas, o início da paliomatemática e astrologia já estavam ali presentes. A alquimia se comporta como a interpretação das antigas técnicas mágico-místicas e da transmutação dos metais. De acordo com Goldfarb (2001), entre as técnicas arcaicas mesopotâmicas estão as das ligas metálicas em proporções especificadas, como o caso do bronze.

As técnicas dos metais e da forjaria, assim como as da fabricação de vidros coloridos e das tinturas, de um lado; e do outro, as da medicina e da astrologia, mostram analogias e coincidências significativas entre si, como se o refino dos metais e o preparo das pedras ornamentais se relacionassem com a cura das doenças e a conquista da imortalidade. (GOLDFARB, 2001, p. 24).

Acredita-se que o desenvolvimento das técnicas arcaicas da alquimia no Egito estava ligado ao culto dos mortos. Goldfarb (2001), fala em seu livro que a protoquímica do processo de mumificação deve ter sido muito importante nesse processo de unificação e também que o simples fato da mumificação ter como objetivo a imortalidade de divinização dos mortos influenciaram bastante o posterior aparecimento da alquimia egípcia.

O primeiro alquimista egípcio que foi autenticamente identificado é Zóximo que atuou por volta do ano 300 da nossa era, em Alexandria. Ele se referia a alquimia como uma técnica sagrada que iria tratar da transformação dos metais em ouro, como da encarnação ou desencarnação de espíritos e tudo isso seria feito através de operações protoquímica de destilação, sublimação, etc.

É de Zóximo também a ideia de que existe uma substância que produz a transformação imediata de um metal em ouro, quando projetada nele a substância que sucessivamente toma o nome de tintura, elixir e, finalmente, pedra filosofal. Seria considera de virtudes semelhantes às dia remédios, que curavam doenças ou davam longa vida ou, mesmo, eternidade (GOLDFARB, 2001, p. 27).

De Alexandria, passou para Bizâncio, Olimpiodoro (século V) um célebre alquimista bizantino se diferenciava de Zózimo, pois era cristão e versado na filosofia grega, portando, para ele o processo alquímico não necessita de magia para se realizar podendo ser compreendido pela teoria grega juntamente com a mística cristã.

Quando os árabes conquistaram a Pérsia e o Egito tiveram contato com a cultura daquelas civilizações por meio da tradução dos livros ali encontrados. Dentre os mais importantes destaca-se a *Tábua Esmeraldina* que não falava acerca das técnicas alquímicas, mas foi a obra básica para sua alquimia.

A Tábua Esmeraldina inicia-se pela conhecida frase: “O que está em cima é semelhante ao que está abaixo e o que está abaixo é semelhante ao que está acima”. Segue-se uma série de máximas cujo significado hermético foi interpretado pelos alquimistas não só árabes, mas, também, europeus, como uma interpretação sapiencial do que ocorria durante a opus. (GOLDFARD, 2001, p. 28).

De acordo com Goldfard (2001) a alquimia árabe em si mesma, não evoluiu da técnica mágico-mítica, nem é resultado de uma interpretação de uma técnica preexistente. Pode-se dizer que ela foi adquirida de uma forma pronta e foi transportada de suas origens para o contexto árabe já na forma de alquimia e não de técnica mágico-mítica.

Apesar do fato dos árabes ter tido acesso a uma alquimia já pronta, eles souberam distinguir nitidamente o conteúdo protoquímico das operações alquímicas e as diferentes interpretações sapienciais que seriam as sentenças morais. Os árabes também perceberam que a interpretação das sentenças morais era diferente, mas as técnicas alquímicas eram a mesma e isso explica o fato de muitos deles serem protoquímico experimentais e não místicos.

Assim é que um interesse principal da alquimia árabe era o da preparação dos elixires para a cura das doenças. Formaram eles uma farmacopeia de remédios, a base de sais minerais, a qual permaneceu em uso até bem próximo de nossos tempos. (GOLDFARB, 2001, p. 29)

Strathern (2000), fala que o ponto de partida da alquimia árabe se baseou em uma obra escrita por Hermes Trismegisto, que se chamava A tábua de esmeralda que transferiu muitos dos segredos da khemeia e até mesmo as fórmulas para a transmutação de mentais inferiores em ouro. Djibir foi um grande alquimista que contribuiu bastante para a formação de “processos científicos” uma vez que abordou a transmutação de

forma científica. Porém a alquimia árabe permaneceu interessada principalmente na procura do ouro, contradizendo um pouco a ideia de que a alquimia árabe tenha seguido a linha farmacêutica.

Após a morte de um médico mulçumano, que tinha levado a farmacopeia árabe para a Europa, os escritos quando eram realizados, iam perdendo seu caráter mágico e se transformaram em uma medicina leiga. Goldfard (2001) fala que da mesma forma que a alquimia árabe, a alquimia europeia nasceu pronta, não tendo uma evolução desde uma técnica mágico-mítica até seu estado final de interpretação sobre a transmutação dos metais, como paralela a um processo de salvação individual, se dando por meio de traduções e adaptações de velhos textos helenísticos. Goldfarb (2001) fala que: “Entretanto, o desenvolvimento na Europa da “arte” alquímica, a partir da farmacopeia e da metalurgia árabes, foi tão grande, ou maior do que o da “sapiência” que interpretava esses processos.”

Logo, sábios como Roger Bacon e médicos como Arnau Vilanova desenvolveram o lado "experimental" da alquimia a ponto de trazerem a um estágio de conhecimento sobre a matéria quase científico. Entretanto é lembrar que o significado da palavra "experimental" era muito diferente do que se adotou depois do advento da ciência moderna. A "experiência" alquímica europeia era muito mais uma "vivência" mágica do que um experimento científico, pois que se fundava numa concepção animista da natureza, onde tudo é movido por uma "alma" da qual a alma humana participa. (GOLDFARB, 2001, p. 29).

Por fim, Goldfard (2001), conclui que a alquimia europeia explicita uma estranha simbiose de interpretação sapiencial, hermeticamente baseada na doutrina cristã, como uma prática mágico-mítica da manipulação da matéria para conseguir o ouro e a imortalidade, e a "experiência" alquímica europeia era mais uma "vivência" mágica do que experimento científico, pois tudo estava ligado por uma alma no qual a "alma" humana participava, e a passagem da alquimia para a química só foi possível devido ao paralelismo entre a alma e a matéria, com influências do iluminismo, fenômeno que pôs fim a Idade Média, e tinha caráter que trazia o realismo das ideias. Logo, alma e matéria foram separadas e, portanto, a alquimia deixou de ter um "todo harmônico", e então a "arte alquímica" deixou de existir dando lugar a ciência "química".

CONCLUSÃO

Após a longa trajetória dos saberes alquímicos que perduraram durante séculos, várias foram as maneiras no qual a alquimia se desenvolveu e se espalhou pelo mundo. Por mais que quase todas as práticas tenham seguido três pilares iniciais que eram a avidez pela transmutação dos metais em ouro, a obtenção da pedra filosofal, e o elixir da longa vida, como afirma Strathern (2000), a alquimia se distinguiu no decorrer do seu desenvolvimento nas várias localidades.

Portanto, foi possível perceber que a alquimia seguiu raciocínios distintos e que foram influenciados de acordo com a sua época, civilização ou forma de como foi apresentada a tais. Em Alexandria, as técnicas foram evoluindo de processos que eram comuns no meio em que viviam, e que já existiam há muito tempo, porém, não eram reconhecidos como tal.

Em outros lugares, as técnicas alquímicas chegaram praticamente prontas, o que permitiu que os estudiosos que tinham acesso a esses conhecimentos já descobertos se aprofundassem levando a alquimia a outra “denominação”. O que era antes de caráter místico se tornaria um conhecimento científico, e séculos depois viraria a base para uma nova ciência investigativa e experimental chamada Química.

Claro que houve vários fatores que influenciaram o desenvolvimento e as mudanças que a alquimia sofreu ao longo de sua trajetória, mas todos os passos que ela deu, todos os experimentos errados, e até mesmo as fórmulas de falso testemunho da transmutação dos metais inferiores em ouro, contribuíram para que a alquimia tivesse a sua longa e deslumbrante história marcada para sempre.

REFERÊNCIAS

GOLDFARB, A. M. A. **Da alquimia á química**. São Paulo: Landy, 2001.

LASZLO, P. **O que é a alquimia?**. Lisboa- Portugal: Terramar, 1997.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. esp. p. 37-45, 2007.

MACHADO, J. **O que é alquimia?** São Paulo, Brasiliense, 1991.

STRATHERN, P. **O sonho de Mendeleiev**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.